

Dez de Maio



ISCTE
Business
School

RUI ALPALHÃO



Philippe Wojazer/Reuters

Dez de Maio é, desde o passado dia dez de Maio, uma data importante. No olho da tempestade que vem assolando a débil economia nacional, o índice que espelha o comportamento da setecentista Bolsa de Lisboa – o PSI20, sendo “PSI” a sigla de “Portuguese Stock Index” e “20” o número de empresas que integram o índice – registou a maior subida, num só dia, da sua já longa história.

Houve, certamente, uma razão ponderosa para este evento raro. À curta distância a que estamos, a generalidade dos analistas aponta para uma reacção muito favorável ao anúncio da decisão da União Europeia (ou de Nicolas Sarkozy...) de um pacote extraordinário de €750.000 milhões para acudir às economias europeias geralmente designadas por um acrónimo que faz lembrar pocilgas (e sobre as quais não há país cujos bancos tenham mais créditos do que a pátria de Sarkozy...). A favor desta interpretação, o facto de os índices das Bolsas dos países beneficiados, efectiva ou potencialmente – Atenas, Lisboa, Madrid, Milão – terem, sem excepção, tido ganhos pujantes. O lisboeta PSI20 subiu 10,7%, o madrilenho IBEX35 14,4%, o ateniense ASE20 9,8% e o milanês MIB30 11,3%. Se aceitarmos a ideia de que estas subidas coincidentes, no tempo e na magnitude, se de-

tem à causa aludida, teremos de concluir que os sábios mercados financeiros vêm com bons olhos que as decisões de política económica em Portugal, Itália, Grécia e Espanha sejam transferidas para o eixo franco-alemão (a propósito, os bancos do país da Senhora Merkel vêm logo a seguir aos dos do país do Senhor Sarkozy na lista dos maiores detentores de dívida portuguesa, italiana, grega e espanhola...). Mais poderemos concluir que essa transferência é mais valiosa em Espanha e Itália do que em Portugal, o que até poderá ser visto como um elogio – pelo menos relativo – aos governantes portugueses; algo na linha do objectivo do pomposo Professor Queiroz, que anuncia à Nação, com ar sério, querer levar a equipa nacional às meias-finais do Mundial. Mesmo contando com a pequena vitória moral de os mercados terem reagido ainda mais entusiasticamente à transferência de soberania de dois dos nossos parceiros de desgraça, a interpretação consensual das subidas de Dez de Maio não é fantástica para a auto-estima nacional.

Há, no entanto, uma explicação alternativa mais gostosa. As subidas coincidentes das Bolsas de Lisboa, Atenas, Madrid e Milão podem, eventualmente, não ter tido a mesma causa. Ou melhor, é concebível que a subida em Lisboa tenha tido causa dis-

tinta das outras três. A razão para tal radica, por paradoxal que possa parecer, no futebol. De facto, os Campeonatos Nacionais de Portugal, Itália, Grécia e Espanha decidiram-se em fins de semana diferentes em Portugal e nos restantes três países. A jornada derradeira em Portugal jogou-se a 9 de Maio, consagrando o Benfica como campeão nacional, pela 32ª vez na história daqueles que têm na alma a chama imensa. Na Itália, na Grécia e em Espanha a jornada final decorreu uma semana depois, a 16 de Maio, e, tal como em Portugal, os campeões espanhol e italiano, Barcelona e Inter respectivamente, só foram conhecidos na ronda final. É verdade que na Grécia o Panathinaikos foi campeão na penúltima jornada, retirando o título ao Olympiakos na primeira época em que conseguiu a proeza de apresentar uma equipa onde pontificavam dois jogadores – Giorgios Karagounis e Kostas Katsouranis – que haviam conhecido a suprema honra de vestir a camisola do Benfica, mas garantiu o título apenas no dia 11, quando venceu por 2-0 o Iraklis, poderosa equipa onde o Professor Queiroz foi encontrar um dos guardaredes que leva à África do Sul. Assim sendo, não pode ter sido a vitória do Panathinaikos a responsável pela subida estrondosa do ASE20 no dia 10. Porém, a subida do PSI20 pode, sem falácia, ser

atribuída à vitória do Benfica; é mesmo a única, entre as subidas das bolsas dos países que o Senhor Sarkozy e a Senhora Merkel tomaram sob sua protecção, que pode ser remetida, com alguma razoabilidade, para causa distinta do paternalístico pacote dos €750.000 milhões. A amostra é notavelmente pequena para inferências estatísticas dignas desse nome, mas vale a pena manter a hipótese em carteira. Se vier a haver confirmação, não será desatuito de sentido ponderar mudar ligeiramente o nome do índice nacional, de “Portuguese Stock Index” para “Papoilas Saltitantes Index”. E, já agora, o número de membros de 20 para 32, com actualização sempre o que o Benfica renovar o título.

Professor Auxiliar, ISCTE Business School
Coluna à terça-feira

Puramente

FILIPE GARCIA*

“Competing for the Future”

O desaparecimento recente de Prahalad levou-me a reeditar “Competing for the Future”, um livro a que não tinha dado a devida atenção há alguns anos atrás. Apesar de ter sido escrito há 16 anos, as ideias fundamentais permanecem actuais, pertinentes e susceptíveis de provocar inquietação no leitor.

Destacam-se dois “insights” nesta obra: A ideia inicial sugere que as empresas necessitam de construir um conjunto de pressupostos e uma visão do futuro, que devem tentar influenciar. Quem tiver a rebeldia de moldar o seu futuro será recompensada com mais poder de mercado. Por isso, para os autores é incompreensível o pouco tempo que os gestores dedicam à estratégia e à análise do seu papel na indústria.

Por outro lado, Prahalad e Hamel criticam a obsessão dos gestores pela via mais fácil do controlo de custos, em detrimento do aumento de receitas. Ou seja, para aumentar o ROI, o ROE, a produtividade, ou outra medida de desempenho, há a tendência para cortar no denominador em vez de fazer crescer o numerador. Afirmando que nada têm contra a eficiência, os autores entendem, contudo, que o caminho certo passa por conseguir um aumento do numerador (outputs) com a manutenção do denominador (inputs). E ironizam: “porque razão o *rightsizing* tem que ser sempre *smalersizing*?”.

O livro tem como aspecto menos conseguido o facto de repetir-se várias vezes, em capítulos mais longos do que o necessário. Uma excelente forma de contornar essa característica é utilizar como guia o esquema que aparece no final do 1º capítulo - O novo paradigma de estratégia. Mas esse facto não torna menos recomendável um livro que constitui um exemplo interessante dos contributos de Hamel e Prahalad ao longo das últimas décadas.



Autor: Gary Hamel e C.K. Prahalad
Editora e Data: 1994 - Harvard Business Press
Frase: “To grow the numerator, top management must have a point of view about where the new opportunities lie”
Palavras Chave: “Numerator”; “Industry foresight”; “Intellectual Leader”; “Opportunity Share”; “Competition for Tomorrow”; “Ecclecticism”
Apreciação: ****